



A EsAO e os seus Capitães, nos Primeiros 75 Anos

Jonas de Moraes Correia Neto*

Matéria extraída de palestra proferida, pelo autor, na cerimônia comemorativa do Jubileu de Diamante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército (EsAO).

Chegamos a Bagé — Rio Grande do Sul, em setembro de 1945, os Aspirantes da Turma “Escola Militar do Realengo” a última turma de cadetes do Realengo e a primeira a receber as espadas em Resende.

Os artilheiros fomos para o 3º RADC (logo depois, seria 3º RA Cav-75), unidade a cavalo, com dois Grupos, praticamente completo em pessoal e cavalaria. Servia lá um capitão, figura típica da província, radicado na cidade, onde era estancieiro, e “car-

ga” do Regimento. Era experimentado *troupiier*, disciplinador um tanto à antiga, exigente com o serviço (não tanto com a instrução), apaixonado pelo seu quartel.

Aquele gaúcho antigão havia se cristalizado, profissionalmente. Cada vez que chegavam novos oficiais — e a Escola Militar prestigiava Bagé, todo ano — nosso capitão se sentia mais um pouco defasado; notava que os jovens tenentes logo percebiam suas limitações e, por isso, ia ficando mais e mais frustrado, implicante, ranzinza. E os oficiais, à socapa, provocavam-no sem dó, apenas para verem a reação e depois se divertirem.

Com o primeiro ano de pós-guerra, 1946, a velha Escola das Armas, que nascera à som-

* General-de-Exército, ex-Ministro Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

bra da Missão Militar Francesa (1920) e passara fechada durante a guerra (1942 a 1945) agora era reaberta, com a denominação de Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EAO) e com dois turnos/ano.

“A EsAO é a escola do Exército que tem o encargo mais belo de todos, qual o de reciclar os capitães.”

O capitão veio de Bagé, para cursá-la, logo no primeiro turno. Não era voluntário; teve de vir. Sendo inteligente, vivo e responsável, e querendo assegurar o retorno ao 3º RACav, estudou, aprendeu e disso deu provas. Concluiu seu curso em um dos primeiros lugares; convidado a ser instrutor, declinou e voltou depressa à querência aonde chegou pouco antes do novo comandante do Regimento — o Coronel Alves Bastos (futuro grande comandante desta EsAO).

Apanhado no laço do dinâmico comandante, que fazia vibrar o quartel, o capitão agora major, foi designado nosso instrutor, para nos ensinar e adestrar nas mudanças e novidades, em técnicas e emprego da Artilharia, transportando-nos, como se dizia, “do francês” para “o americano”. O homem parecia outro; era outro: competente, confiante, preciso, bom instrutor. E nós, observando-o, registramos o que a EsAO havia feito, recuperando o velho artilheiro.

Tal foi o meu primeiro contato com a Escola de Aperfeiçoamento. O segundo foi em 1948, quando vim servir no Grupo Escola (então REA). Para o nosso Grupo, era comum a semana com três dias de dureza em Gericinó. Era quando vivíamos, muito de

perto e muito mais, o trabalho realizado por esta Escola, do qual participávamos intensamente. Recordo o sentimento de dar algo mais, que púnhamos nas tarefas em proveito da EsAO, como se valesse qualquer sacrifício. Valia mesmo.

Depois, conheci a EsAO por dentro, na intimidade do aluno e do instrutor, que me orgulho de haver sido. Cedo, formulei sobre esta Escola o alto juízo que sempre confirmei: é a Escola do Exército que tem o encargo mais belo de todos, qual o de reciclar os capitães, instrumentando-os para ocupar postos e funções fundamentais, como são, sobretudo, os constantes dos Quadros de Organização (QO) dos Corpos de Tropa. E é certo a EsAO vem se desincumbindo disso com eficácia e brilho.

O CAPITÃO E A EsAO

Capitão é posto-chave, em qualquer exército regular. O valor de um exército depende do valor dos seus capitães. É que os capitães mobilizam áreas de decisão intermediária, que são pontes entre as chefias superiores e os escalões executantes. E é no posto de capitão que se coloca, pela vez primeira, o exercício efetivo do comando — portanto, a ação de liderança militar.

Isso é doutrinário e organizacional; entretanto, não deixa de ser instigante. É um desafio, mas também um prêmio. O capitão precisa estar preparado para corresponder às exigências — e vencê-las.

A missão maior desta Escola é habilitar o capitão a prosseguir, com êxito, na caminhada do oficialato. Com êxito e com entusiasmo, o que, na nossa profissão, está enlaçado — eis que somos aqueles homens que vivemos por valores que não morrem.

“O capitão aperfeiçoado estará por aí e por sua conta, para fazer o uso mais correto e útil de tudo que aprendeu. Só que agora dispõe de bagagem profissional mais ampla, diversificada, atualizada. Em suas funções, goste ou não do papel, vai ser modelo e guia, vai ficar em foco e vai ser cobrado.”

Repito a EsAO tem obtido muito sucesso, em seu trabalho meritório. Nunca afrouxou — nem no esforço, nem no ritmo, nem na busca da exaço. Realizou e satisfez, inclusive quando foi forçada, algumas vezes, a funcionar com dois turnos por ano, medida excepcional, aliás cujas vantagens são duvidosas.

Chega esta Escola, agora, ao bonito patamar de três quartos de século de atuação sobremodo eficiente, sempre engajado no aperfeiçoamento dos capitães, a quem fornece o máximo, possível de conhecimentos — teóricos, técnicos e práticos — e a quem estimula para a futura aplicação.

É o que se espera da Escola. O que se espera dos capitães?

O capitão deve ser focalizado em dois aspectos, balizando etapas sucessivas: o capitão-aluno e o capitão aperfeiçoado.

Ao capitão-aluno compete explorar, da melhor maneira, tudo quanto a EsAO coloca ao seu dispor. Parece óbvio, mas nem tanto. É sempre possível extrair algo mais, perquirir e esquadrihar, cooperar complementando ou sugerindo (até discordando...) ousar ser criativo, oferecer exemplos da própria expe-

riência. Nesse receber e retribuir, enriquecem-se os capitães e a sua Escola.

O capitão aperfeiçoado estará por aí e por sua conta, para fazer o uso mais correto e útil de tudo que aprendeu. Só que agora dispõe de bagagem profissional mais ampla, diversificada, atualizada. Em suas funções, goste ou não do papel, vai ser modelo e guia, vai ficar em foco e vai ser cobrado.

A CULTURA DO OFICIAL

Nesta fase da carreira, o capitão (talvez já major) deverá ir abrindo mais o leque da sua cultura militar. É uma obrigação; pode ser um prazer, na medida em que o autodidatismo seja hábil, inteligente e bem direcionado. Para isso, não se inventou ainda um meio melhor do que a leitura. Ler, ler; mais e mais ler, porém selecionando aquilo que se lê, para que haja um real aproveitamento.

O nosso mundo está em rápida e profunda transformação. Não podemos afirmar como ele será, daqui a algumas dezenas de anos. Mas é razoável garantirmos que haverá enormes diferenças entre aquilo com que temos convivido, nos últimos cinquenta anos, e aquilo que está por vir. Realmente, o clima físico, como o ambiente social e a mentalidade humana, tudo já se acha em larga e intensa mutação, que vem vindo de longe, tem atropelado costumes e tradições, tem feito ruir idéias e tornado obsoletos itens materiais, com surpreendente rapidez e naturalidade.

As sociedades centradas em nações; as estruturas dos Estados; as relações internacionais; as pressões econômicas; a escensão das ONGs; a exploração (e a influência dominante) de fortes idéias, como direitos

humanos, ecologia, controle de armamentos, salvaguardas nucleares, soberania limitada, e outras, em que pese o parcialismo maldoso do seu uso; a posse segura do espaço e sua utilização, para vários fins, alguns só pacíficos na fachada; o crescente poder dos meios de comunicação social; o domínio, cada vez mais perfeito, das informações de toda natureza as quais ficam disponíveis no "tempo real"; o fantástico desenvolvimento dos equipamentos de comunicações; o generalizado emprego militar de simuladores; os revolucionários projetos de sistemas de armas de pequena ou nenhuma letalidade; a pujança autoritária das mega-empresas multinacionais, mais ainda, supranacionais; os hiatos, tendentes a crescer, entre os países mais avançados e bem dotados e os países mais atrasados, impiedosamente barrados nos seus justos anseios e nas suas claras necessidades de progresso e bem-estar; tudo isso, e muito mais, faz parte do elenco de modificações substanciais, que já principiaram, dentro dos Estados nacionais mais adiantados do mundo e nas relações entre eles, e deles com os demais, quer unilateralmente, quer em blocos, onde são defendidos interesses, tidos por comuns, mas que freqüentemente estão ao arrepio dos verdadeiros interesses da maioria dos povos.

Aí estão nítidas geratrizes de conflitos. Evidentemente, os novos comportamentos das sociedades, tanto internamente como no seu relacionamento externo, fará que apareçam diferenças, também, mais ou menos marcantes, na aparência, na forma, no vulto e na solução dos choques que vão surgir.

É claro que isso vai afetar, e muito, as Forças Armadas de todos os países. Para se ajustarem ao mundo do terceiro milênio, elas terão de acompanhar a evolução das socie-

dades, das quais são parte integrante, expressiva e inapartível. Dir-se-á que sempre foi assim... Só que hoje os fatores influentes atuam de maneira tão vertiginosa, que, ou se mantêm emparelhado ou se descompassa sem chance.

Então, as Forças Armadas terão de rever seus conceitos, sua estruturação e organização, suas doutrinas, seu emprego, até sua filosofia básica; enfim, terão de deitar um olhar crítico sobre uma porção de elementos cruciais da sua existência e do seu funcionamento, atentas principalmente às variáveis clássicas, hoje postas em xeque, como: inimigo provável, área de atuação, meios disponíveis (quais, onde, em que prazos), missão e objetivos (lista detalhada de alvos...). Elas terão de rever e, certamente, reformular tanta coisa, que acabarão tendo de fazer, e fazendo, em menos de vinte anos, o que não havia sido feito durante mais de duzentos anos.

A FORÇA DO SABER

Entretanto, com que base se há de tratar do assunto, de modo competente, consciencioso, seguro? Só existe uma base que é o Saber.

Numa obra recente, rica em concepções, informações, especulações e projeções (*Guerra e Antiguerra*, de Alvin e Heidi Toffler), tem destaque o conhecimento como sendo o elemento propulsor mais possante, no mundo por vir. A colocação é muito consistente. De fato, a tendência é que as pessoas, como os grupos, como os países, adquiram tanto mais capacidade e influência e importância, e poder, quanto mais dominarem uma gama de conhecimentos relacionados com suas atividades e com seus interesses. No outro

vértice e no meio do caminho, estarão amontoados os que não tiverem respondido "presente" a esta decisiva provocação.

Portanto, é preciso que os militares conservem e aprimorem sua boa fama de classe estudiosa e procurem solidificar, ainda mais, seu suporte cultural, a fim de que acompanhem a evolução, influenciem o processo e beneficiem-se das mudanças.

O conceito de cultura profissional já difere daquele que, antigamente, era adstrito às coisas específicas da profissão militar. Vai mais além, interessando-nos em todos os fatores que tenham reflexos na preparação e na utilização adequadas da Expressão Militar do Poder Nacional.

O esforço convém seja feito. Vale a pena fazê-lo. De certo modo, é um esforço solitário. O oficial tem de escolher o que vai ler, visando ao exercício profissional (não necessariamente à função do momento). Além de ler, dever tirar suas próprias conclusões, estabelecer ilações, armazenar idéias, e afinal acumular mais conhecimentos, os quais, todos, lhe hão de ser de utilidade.

Ora, existe o mundo e, nele, o Brasil. Tudo quanto fizermos, será com os pés no chão, sem devaneios. Comumente, não poderemos utilizar, como gostaríamos, o que tiver sido sugerido pelas nossas leituras — ao menos, por enquanto. Porém, o que jamais deverá ocorrer será que estejamos despreparados para dar uma colaboração positiva, ao Exército e ao País, por uma carência de conhecimentos, que tivermos dei-

xado de adquirir por descuido ou relaxamento.

Por pertinente, vale recordarmos que, no começo dos anos trinta, o Exército alemão, que desencadearia a Segunda Guerra Mundial, exercitava para ela os seus quadros valendo-se de simulacros de canhões e carros de combate, confeccionados em madeira e lona. Com tais meios, foram instruídos os aguerridos comandantes de tanques das massas blindadas, conduzidas por oficiais que se haviam tornado mestres em resolver temas nas cartas, porque não podiam, ainda, assumir acintosamente sua condição de combatentes.¹

Na mesma época, outro exército estava afundado num marasmo desanimador, sem perspectivas. Era o Exército dos Estados Unidos — que, quando teve início a guerra na Europa, setembro de 1939, tinha o modesto efetivo em torno de 225.000 homens (sendo 130.000 nos EUA e o resto da América Central e na Ásia), seu equipamento e armamento eram limitados, em tipos e quantidades, seus recursos orçamentários eram parcos. No Continente, possuía 3 divisões de Infantaria (DI) e 2 de Cavalaria (DC), com efetivos incompletos, e nenhuma Blindada (DB), somente umas poucas unidades de carros. Para enfrentar a sua crise e poder, um dia, sair dela em boa forma, o Exército americano investia na preparação dos seus quadros — e, enquanto isso, também usava, na instrução e nos exercícios, modelos em madeira...²

¹ A propósito, ler *Panzer Líder*, do General Heinz Guderian, Bibliex, coleção General Benício, vol. 44, fevereiro-março de 1966, fls. 11, 12, 17 e 20.

² Sobre os EUA, ler *Cruzada na Europa*, do General D. Eisenhower, Bibliex, coleção General Benício, vol. 118, 1974, tomo I (de dois), fls. 2 e 9.

Situações parecidas: nos EUA, por economia e para não ficarem inativos; no Reich, para disfarçar, enquanto se aprontavam para a revanche. Em ambos, o ensinamento: quem quer trabalhar e fazer, cria condições, inventa meios, estuda e treina e se mantém vivaz; quem não quer trabalhar, não quer fazer, encontra mil razões para justificar a inércia.

O que deve ler o oficial, na etapa aperfeiçoada de sua carreira — carreira em ascensão?

Sem nos determos em títulos, sugerimos que leiam obras sobre História Militar (relatos, biografias, análises, memórias), Geopolítica (cujas mutações já nos induzem a descrever de algumas velhas fórmulas), Estratégia (a militar e a alta estratégia), Relações Internacionais, Sociologia e Psicologia Militar, Liderança, obras de projeções políticas e sociais, etc. A matéria é disponível em bons livros e, igualmente, em boas revistas especializadas — entre as quais destaco *A Defesa Nacional*, pela sua admirável permanência servindo à nossa cultura.

Enquanto aluno da EsAO, o capitão provavelmente não achará tempo para leituras outras, que não as do curso. Porém, quem sabe... para repousar um pouco a mente, afastá-la das lides escolares, de repente, um livro ou artigo provocante poderá vir a calhar. É fato que os preços dos livros estão proibitivos. Todavia, a nossa ótima Bibliex costuma apresentar programação editorial de alto padrão, a custo relativo muito baixo; e a *Revista do Exército Brasileiro* e a *A Defesa Nacional* (apenas como exemplo) vêm publicando muito boas colaborações.

O capitão aperfeiçoado, onde estiver servindo, há de achar tempo para ler, se o desejar. Vai depender da sua convicção de que, nesse caso, não é somente a leitura singela,

prazerosa, que deve procurar (tipo Sidney Sheldon, Morris West, Agatha Christie, Frederick Forsyth...); muito além dessa, é à leitura informativa, às vezes polêmica, que deve recorrer, pois através dela o oficial adicionará mais alguns pontos de saber às suas gavetas cerebrais, que, quanto mais ativas, mais eficientemente atenderão às consultas, mesmo após muito tempo.

Esse é o quadrante do leitor. E... quanto ao do escritor? Nossos oficiais, que têm reduzido demasiadamente seu gosto pela leitura, diminuíram ainda mais — talvez por isso — sua aptidão para escrever. No entanto, são capazes de fazê-lo, como se verifica nas monografias dos alunos da Escola de Comando e Estado-Maior, muitas delas, pela excelência do enfoque e da redação, selecionadas para divulgação.

Transcende a missão da EsAO — e para isso nem sobra tempo — priorizar esse ângulo, com seu alunado. Porém, pode a Escola (como, aliás, todos os estabelecimentos de ensino do Sistema de Ensino da Força Terrestre), pode e deve cooperar para esse desiderato de elevado valor cultural e moral, escorvando o interesse dos seus alunos, apoiando-os na busca e obtenção de boa leitura, colocando boas publicações à disposição deles, bem como de seus familiares.

A EsAO E A REVOLUÇÃO DE 1964

Essas considerações me trazem à lembrança o período imediatamente anterior à Revolução de 1964. Nesta Escola, vivíamos num clima de excitante preocupação e contida revolta.

A massa de alunos da Escola sempre foi formidável. Os capitães, que nos ouviam, entenderam o que lhes era posto à consideração; e a repercussão não demorou.

Quando chegou o 31 de março de 1964, o pessoal da EsAO estava "nas pontas dos cascos".

Nesta Casa insigne, aquilo que se planta, com seriedade, com convicção, com honestidade, germina e floresce. Porque aqui impera o verdadeiro espírito militar. Enquanto se aproximava uma inexorável revolução, dura e decisiva, aqui ninguém se esquecia de que os interesses nacionais se estampam como o fiel de uma balança, ideal mais nítida, onde num prato fica a disciplina hierárquica e, no outro, fica a honra militar.

Como organização militar, a EsAO, na Revolução de 1964, ajudou a prepará-la e assistiu à sua eclosão e às primeiras ações no Rio. Além disso, foi no auditório desta Escola, em 14 de fevereiro de 1964, que o General Humberto de Alencar Castelo Branco, Chefe do Estado-Maior do Exército, ministrou a aula inaugural, que, conjugada à histórica Circular de 20 de março de 1964, do mesmo chefe, foi fator preponderante para tomadas de posições, pessoais e institucionais.

Não me contenho, na ânsia comovida de ler, aos capitães de hoje, alguns trechos daquela aula — "A EsAO na Atualidade" — que nós, os oficiais da EsAO, ouvimos embevecidos e tomamos em nossas mãos como escudos e pusemos em nossas bocas como clarinadas.

UMA DUPLA TROCA

Os capitães do Exército (e, com eles, seus colegas de outras Forças e de países amigos)

fazem da EsAO uma Escola magnífica. Que lhes retribui, equipando-os para serem muito bons e competentes oficiais. Essa dupla troca é característica de uma Escola assim, pois se estriba nos conhecimentos e se afirma nos serviços.

A EsAO é engrandecida, a cada ano, com a recepção aos capitães-alunos e com seu aperfeiçoamento, o que assinala o cumprimento de uma missão — imutável, perseverante e na qual ela tem de se conservar passo a passo com o futuro.

Os capitães valorizam a Escola, com a sua presença esfuziante, com a sua vibração militar, dando inestimável continuidade ao profícuo labor que aqui se vem realizando, há 75 anos.

E o Exército... venturoso o Exército que preserva uma escola do nível desta, para acolher atualizar os seus capitães.

CONCLUSÃO

Dispus-me a dirigir-me aos jovens capitães, como um velho militar, que na vida só soube ser e, por isso, só foi soldado, e nisso pôde se realizar completamente.

Nesses capitães me revejo e aos meus colegas, que, há exatos 40 anos, estávamos sentados na platéia, escutando talvez um pouco, mas sonhando por certo muito.

Eis o empolgante enredamento da carreira militar, um ciclo que anualmente se renova e faz com que nos sintamos cada vez mais integrados no espírito coletivo da nossa classe, mesmo quando, pela situação de inatividade, cada vez menos partícipes das atividades castrenses.

Costumo afirmar que, ao despir minha farda, que usei durante mais de 48 anos, retirei-la do corpo mas conservei-a no coração.

Essa a verdade; e porque, para um homem como eu, uma ocasião como esta é reconfortante, rejuvenescedora. Estou agradecido: ao comandante da Escola, pela sua lembrança de mim; às autoridades, pelas suas presen-

ças; à assistência, por me ouvir; em especial, aos capitães-alunos, pela sua atenção.

Que os capitães sejam felicíssimos no seu curso, nesta grande Escola, que poderia ostentar, no vetusto frontispício, estes dizeres:

EsAO!

AQUI SE ROBUSTECE A ALMA DO EXÉRCITO!

PISTOLA TAURUS.



QUALIDADE
E SEGURANÇA
A SEU SERVIÇO.

Com uma Pistola Taurus você tem a certeza de segurança. A segurança que só a mais alta tecnologia pode proporcionar. Taurus, marca de qualidade à sua disposição.



TAURUS
FORJAS TAURUS S.A.

Av. do Porto, 511 - Porto Alegre
RS - Brasil - CEP 91360-000
Fones: (051) 340-2244
Telex: (51) 1129 FTLUS BR
Fax: (051) 340-4981

PT 58 S.
Calibre 380, 32 + 1 tiros,
cano de 102 mm, dispositivo
de segurança manual, trava
de ferro, dente de
travamento de cão, percussor
à laser inercial, indicador de
cartucho na câmara,
acabamento inoxidável ou
niquelado.